

Modos de narrar a condição de imigrante em *Der enthaarte Affe*, de Güney Dal

Dionei Mathias⁶

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

Güney Dal é um escritor turco que vive na Alemanha e escreve textos que abordam a situação dos imigrantes turcos naquele país. Por sua contribuição para construção de um imaginário literário em volta do imigrante na Alemanha, ele foi condecorado com o importante prêmio Adelbert von Chamisso, em 1997. O romance *Der enthaarte Affe* ('O macaco depilado', sem tradução para o português) aborda os modos como o protagonista de origem turca administra as dificuldades que encontra ao tentar estabelecer-se no novo país. Com isso, este artigo pretende empreender uma discussão sobre a construção de identidade e sua representação em duas situações: na visão macrossocial do protagonista imigrante e nas interações sociais do imigrante com membros do grupo hegemônico. Identidade, neste contexto, é compreendida como princípio dialógico, em que o sujeito negocia sentidos e forma uma narrativa de autorrepresentação. Nisso, o indivíduo precisa negociar, por exemplo, questões que envolvem as configurações discursivas que caracterizam a sociedade em que vive e precisa interagir com os atores sociais que formam esse espaço de interação.

Palavras-chave

Güney Dal. *Der enthaarte Affe*. Imigrante. Identidade.

⁶ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Doutor em Letras respectivamente pela Universidade de Hamburgo (Alemanha) e pela Universidade Federal do Paraná.

Introdução

O romance *Der enthaarte Affe* ('O macaco depilado') foi publicado em 1988, pela conceituada editora Piper, na Alemanha. Como todos os outros romances do autor, ele foi escrito em turco e traduzido para o alemão por Carl Koß, com a supervisão do autor. Güney Dal começa sua carreira na Alemanha, em 1972, como muitos imigrantes turcos, trabalhando em fábricas. Somente anos mais tarde, volta a exercer a profissão de jornalista que já desempenhava na Turquia, até tornar-se escritor e viver exclusivamente disso. Ao contrário de muitos outros intelectuais imigrantes, Dal opta por continuar a escrever em sua língua materna, embora continue vivendo até o presente momento no espaço de cultura alemã. Essa opção, obviamente, tem várias consequências para o processo de recepção e para seu posicionamento dentro de uma historiografia literária de vozes minoritárias. A recepção do texto turco no espaço cultural alemão está restrita a um grupo muito pequeno. Com isso, a tradução tem tido um papel fundamental para a discussão, na Alemanha, das ideias que Dal desenvolve em seus textos.

Em grande parte, seus universos ficcionais giram em torno da figuração de imigrantes e seus desafios no contexto da imigração, criando, portanto, um imaginário ficcional desses novos atores sociais que interagem num espaço cultural diferente da sua primeira socialização. Desse modo, os textos produzidos por Dal devem despertar o interesse tanto de uma crítica literária turca, que pode discutir a presença de membros de sua cultura no exterior, como também da crítica literária alemã, cujo interesse se volta para a percepção dessas novas vozes que começam a se articular no espaço alemão. Escrever em sua língua materna no exterior certamente dificulta o processo de recepção, mas ao mesmo tempo representa um ato político que leva em conta seu posicionamento cultural, procurando dessa forma contribuir para o difícil e árduo processo de legitimação da presença do outro.

O romance *Der enthaarte Affe* está dividido em duas partes: "Zeitungstage" (Dias de jornal) e "Aus den Notizen eines Spions" (Das anotações de um espião), acompanhadas de um roteiro que indica que as duas partes podem ser lidas como dois romances independentes, ou ainda, como um terceiro seguindo a sequência de leitura de capítulos aleatórios, como sugerido nesse roteiro (DAL, 1988, p. 5), nisso em parte semelhante ao romance *Rayuela* de Cortázar. A primeira parte do romance apresenta as peripécias de um imigrante turco na Alemanha, sua vida em família e sua crise de identidade, a qual tenta superar com a criação de um jornal de parede que todos os membros da família são forçados a ler. Na segunda parte, o leitor descobre que a primeira é o texto ficcional escrito pelo protagonista da segunda parte, que, por sua vez, apresenta uma série de semelhanças com o protagonista do primeiro. O

espião, pelo qual o primeiro protagonista se sente perseguido, se revela como a voz narrativa da segunda parte. Com isso, a primeira parte representa uma configuração intradieética da voz narrativa que enuncia a realidade diegética da segunda.

Em ambos os textos, o leitor depara-se com um protagonista autodieético de origem turca e que vive como imigrante na Alemanha. O conflito que caracteriza o enredo está centrado nas negociações desse imigrante com os espaços e atores sociais que o circundam, encenando os desafios que compõem suas tentativas de construção de identidade. Esta se revela como extremamente instável, forçando o protagonista a constantemente rever sua narração identitária diante dos questionamentos, com os quais se vê confrontado.

Identidade, neste contexto, é compreendida como processo de posicionamento dentro das configurações macrossociais, envolvendo aspectos especificamente culturais, religiosos, étnicos, econômicos ou de gênero, mas também é definida nas mais diversas situações que ocorrem na esfera microssocial, quando o encontro entre diferentes atores sociais desencadeia processos de negociações simbólicas e representacionais, criando novas configurações narrativas, em que cada um dos interlocutores assume uma posição na hierarquia estabelecida no espaço que o sujeito deseja transitar (ANDREOULI, 2010, p. 14.1; DAVIES & HARRÉ, 1990, p. 45). Com isso, a presença do outro implica automaticamente a revisão dos sentidos que cada sujeito pretende utilizar em suas interações, o que impossibilita que os conteúdos semânticos utilizados no processo de construção de identidade se transformem em signos engessados, com uma essência imutável, utilizável repetidamente em diversas situações. Nisso, o posicionamento do outro no mapa do poder definirá se a negociação dos sentidos vai acontecer no marco da submissão ou do questionamento, no marco da aceitação ou da rejeição da imagem apresentada.

Nesse sentido, identidade não é algo pré-existente, pelo contrário, trata-se de uma formatação discursiva que surge a cada nova interação e é intrinsecamente dependente de práticas culturais e interações sociais (BUCHHOLTZ & HALL, 2005, p. 588). Com isso, identidade emerge de um processo linguístico ou de outras categorias semióticas que produzem sentidos apreensíveis de forma consciente pelos sujeitos, em grande parte porém, de modo pouco ou não consciente. São esses sentidos que, por sua vez, vão produzir ações, comportamentos, atitudes e, por fim, também representações do outro. Essa negociação de sentidos se dá primeiramente no círculo familiar, no qual diversas formas de apropriação da realidade e posicionamento diante de compreensões do mundo são ampla e diariamente problematizadas. Posteriormente, esse processo tem continuidade em esferas sociais mais

complexas, onde a previsão do posicionamento dos interlocutores acaba sendo mais difícil, exigindo do sujeito um maior trajeto para afinar o discurso.

Além desse caráter emergente do processo de identidade, esta também é produto de representações que circulam no espaço social (DUVEEN, 1993, p. 172; DUVEEN & LLOYD, 1986, p. 220). Nas inúmeras interações, os interlocutores sociais criam e retomam imagens dos sujeitos que participam do processo de negociação de identidade. Esta se utiliza de roteiros diferentes quando o sujeito da interlocução é, por exemplo, feminino, homossexual, imigrante, de uma etnia diferente ou pobre. Com isso, todo o processo de negociação produz, fixa ou reproduz representações que vão posicionar interlocutores sociais em determinados discursos, concedendo-lhes ou não uma voz no coro daqueles que ditam as regras sociais. Desse modo, todo processo de representação do outro contém um movimento de legitimação ou deslegitimação de sua presença, sua fala, seus anseios.

Essa dinâmica de produção de discursos identitários e a lógica da fabricação de representações definitivamente representam algumas das grandes inquietações de Güney Dal. Já no romance *Wenn Ali die Glocken läuten hört* ('Quando Ali ouve os sinos, sem tradução para o português), Dal aborda essa problemática (MATHIAS, 2014), retomando-a mais uma vez no romance a ser analisado neste artigo. Nesse sentido, queremos discutir identidade e representação em duas situações: na visão macrossocial do protagonista imigrante e no encontro do imigrante com membros do grupo hegemônico. A análise abordará somente a primeira parte do romance, ou seja, o texto ficcional produzido pelo protagonista da segunda parte. Nesse universo intradieético, o protagonista aborda e revela posicionamentos adotados igualmente na segunda parte.

A visão macrossocial do protagonista imigrante

Os modos de narrar a identidade e iniciar um processo de negociação de sentidos sempre estão atrelados às grandes narrativas que compõem um espaço social. Nisso, as práticas discursivas que abordam questões de classe, etnia, gênero, sexualidade, nação, cultura ou religião têm um impacto sobre os sentidos produzidos. Cada sujeito, de modo consciente ou inconsciente, posiciona-se dentro dessas práticas discursivas e dialoga a partir da perspectiva que esse posicionamento permite. Isso vale para membros de um mesmo espaço cultural, acentuando-se quando os interlocutores tiveram uma socialização cultural divergente.

Em ambos os casos, os interlocutores se verão confrontados com interpretações dessas grandes narrativas e precisam definir sua visão de mundo.

Na realidade diegética da primeira parte do romance *Der enthaarte Affe*, o leitor encontra um narrador autodiegético de origem turca que vive há mais de vinte e cinco anos na Alemanha (DAL, 1988, p. 10). Dentre os vários desafios de negociação identitária, encontra-se também a necessidade de posicionar-se diante das novas formatações discursivas que vão se estabelecendo no país de acolhimento e que representam grandes dificuldades inclusive para os nativos culturais. Assim, a reconfiguração do discurso em volta do papel da mulher tem um lugar de destaque nas discussões sociais na segunda metade do século XX e o protagonista não deixa de se posicionar:

Eu lhe expliquei que eu sempre fui contra a opressão da mulher, que embora as mulheres fossem oprimidas na sociedade, todas elas – minha mãe, minha mulher, minha irmã e minha filha – um dia teriam os mesmos direitos e que não precisariam se preocupar nenhum pouco com isso. Querendo ou não, nosso mundo de hoje é um mundo dos homens, no qual as mulheres olham como os homens tomam as decisões; de todo coração eu fico alegre com um movimento feminino, que estava fazendo progressos esporádicos e que não podia mais ser barrado. Embora as mulheres tivessem passado por muita coisa no decorrer da história, será que realmente estava certo colocar toda a culpa nos homens? As mulheres não foram preguiçosas, no lugar de enfrentar a luta por um parte do poder dos homens? (DAL, 1988, p. 82)⁷.

A conversa sobre o lugar da mulher na sociedade se dá entre o protagonista e sua esposa, depois de ele ter mandado sua filha muito cedo para o trabalho, forçando-a a esperar no ponto de ônibus por um tempo desnecessário, em pleno inverno, o que exaspera sua esposa. A estratégia narrativa utilizada pelo protagonista nesse excerto retorna em várias outras passagens. A voz narrativa adota um tom paternalista, com marcas linguísticas de amabilidade e bondade a fim de reforçar sua tolerância e abertura para novas ideias. No primeiro passo, há uma concordância com as ideias de reforma, neste caso, com a luta pela igualdade de gêneros. Nisso, o narrador se autocaracteriza como uma pessoa tolerante e que apoia o desejo das integrantes femininas de sua família de alcançar uma voz própria na produção discursiva daquele espaço social. O tom paternalista fica explícito quando diz a sua esposa que não se preocupe, minimizando com isso a seriedade da luta e a gravidade das

⁷ “Ich erklärte ihr, daß ich stets gegen die Unterdrückung der Frau gewesen sei, daß die Frauen in der Gesellschaft zwar unterjocht würden, daß sie alle aber – meine Mutter, meine Frau, meine Schwester und meine Tochter – eines Tages gleiche Rechte erhalten würden und sie sich diesbezüglich keinerlei Sorgen machen sollten. Unsere heutige Welt sei nun leider einmal eine Welt der Männer, in der die Frauen zuschauten, wie die Männer die Entscheidungen trafen; ich freute mich von ganzem Herzen über eine Frauenbewegung, die sprunghafte Fortschritte machte und durch nichts mehr aufzuhalten sei. Zwar hätten die Frauen im Laufe der Geschichte viel durchmachen müssen, aber sei es wirklich richtig, die ganze Schuld dafür den Männern aufzuladen? Hätten denn die Frauen sich nicht auf die faule Haut gelegt, statt den Kampf um einen Teil der Macht der Männer aufzunehmen?”. Todas as traduções são do autor deste artigo.

diferenças de gênero. A argumentação acaba por sugerir a resignação, ou seja, é melhor aceitar o mundo com os homens tomando as decisões, culminando com a inversão dos papéis e das atribuições de culpa. A conversa que começa com uma autocaracterização de tolerância, no fim, transfere a culpa para as mulheres, defendendo que a situação de desigualdade resulta da inatividade feminina. Interessante nessa passagem é a forma como o imigrante, oriundo de uma sociedade com uma tradição talvez mais intensamente patriarcal, assimila as mudanças nas configurações discursivas que se passam no país de acolhimento. Há um movimento em direção à tolerância, mas, por fim, predomina a socialização patriarcal. Com isso, os signos que compõem sofrem alterações, pois há diálogos com os sentidos produzidos no espaço de interação social. Ao mesmo tempo, há um posicionamento referente a essas configurações discursivas. Nisso, o narrador assume um posicionamento conservador.

Essa oscilação entre exercício de tolerância e retorno ao conservadorismo também impera em várias outras situações. Assim, a notícia de que um general do exército possa ser homossexual causa a seguinte reação: “Se os senhores desejam ouvir nossa opinião: Que um general, um paxá, indiferente de que nação seja, seja um homossexual, pode-se descartar desde já” (DAL, 1988, p. 88)⁸. O narrador autodiegético comenta isso no jornal que ele escreve para a família, colando-o na parede e forçando a todos os membros da família a lê-lo todos os dias. Esse mesmo comentário suscita a crítica de sua esposa, pois ela o lembra de que ele mesmo mencionou a necessidade de cuidar com questões de homossexualidade, já que o filho adolescente podia correr o risco de se identificar com esse grupo (DAL, 1988, p. 97). Como no caso da igualdade de gêneros, também o contexto da luta pelo reconhecimento e aceitação da diversidade da sexualidade causa dificuldades ao imigrante que chega num espaço social, no qual essa discussão, embora ainda longe de ter alcançado um patamar satisfatório, se encontra num estágio mais avançado de discussão e tolerância das diversas formas de concretizar a sexualidade. Contudo, ao contrário da primeira situação, na qual a ideia ao menos de modo distante adentra seu universo pessoal, a questão da homossexualidade em conjunto com o papel de militar é inconcebível. O fato de ele mencionar isso em seu jornal parece indicar que há um diálogo com os novos discursos, do contrário esse excerto de realidade permaneceria inominável e silenciado em seu horizonte cognitivo. Porém, o avanço do diálogo ainda não progrediu a tal ponto de produzir uma mudança de posicionamento no narrador. Nesse aspecto, seu crivo de apropriação e interpretação de realidade ainda não assimilou integralmente as novas práticas sociais de acolhimento de diversidade.

⁸ “Wenn Sie unsere Meinung hören wollen: Daß ein General, ein Pascha, ganz gleich welcher Nation, homosexuell sein sol, kann man von vornherein ausschließen!”.

Um terceiro exemplo de oscilação discursiva é a forma de tratamento conferido a filhas e esposa. Em determinada passagem, o narrador reflete sobre o modo como se comporta em relação às filhas: “Eu estou convencido de que é preciso manter a distância que convém ao homem em relação a meninas, mesmo sendo o pai delas. Esse pensamento é a herança do ambiente onde nasci e da família em que cresci. Até hoje só consegui descobrir aspectos positivos nisso” (DAL, 1988, p. 76)⁹. Em outra passagem, o narrador excepcionalmente beija a esposa na presença das filhas, o que causa a euforia destas, já que se trata de algo que altera a prática de interação na família (DAL, 1988, p. 99). O fato de o narrador refletir sobre a forma de comportamento em relação às filhas indica que há nele uma necessidade de se posicionar diante de práticas que diferem disso. Ele não muda sua interpretação de realidade e, com ela, a forma como concretiza ações e comportamentos, há contudo um referencial à percepção de que há outras formas de interagir com as filhas. No segundo exemplo, ao beijar a esposa diante das filhas, parece que ocorre um deslocamento da disposição discursiva. No lugar de um comportamento conservador, há pequenos indícios em direção a outras formas de interação com a esposa e, com isso, de dialogismo discursivo.

Na caracterização do protagonista, destaca-se a necessidade quase que doentia de comunicação por parte dele. O jornal de parede que escreve aparece com frequência na realidade diegética, assumindo por vezes uma posição deslocada, especialmente porque seu conteúdo assume um tom exageradamente absurdo, causando o efeito de comicidade na recepção do texto. Com isso, Güney Dal parece desacreditar a voz desse personagem imigrante, pois também a fala figural do protagonista oscila entre dois modos de organizar o discurso: um sério, atrelado a poder e disciplina no contexto da família, e outro cômico, em parte, absurdo no contexto do seu jornal. Em ambos os casos, a voz que se enuncia nesse contexto claramente se encontra num processo de formação e posicionamento, negociando sentidos para autodefinir-se. Diante desse cenário, o narrador parece representar o conflito de muitos membros da primeira geração de imigrantes que se veem confrontados com novas formas de organizar e ver a realidade social. Nisso, o caráter absurdo dos textos jornalísticos parece indicar a dificuldade de processar e assimilar a complexidade social do novo espaço da vida.

O encontro do imigrante com membros do grupo hegemônico

⁹ “*Ich bin der Überzeugung, daß man Mädchen gegenüber, selbst wenn man ihr Vater ist, den einem Manne geziemenden Abstand wahren muß. Dieser Gedanke ist ein Erbe der Umgebung, in der ich geboren, und der Familie, in der ich aufgewachsen bin. Bis heute habe ich nur positive Seiten an ihm entdecken können*”.

Um elemento que caracteriza o encontro do narrador imigrante com os diferentes atores sociais do grupo hegemônico é a ausência de hostilidade. Certamente esse encontro intercultural está marcado por uma série de divergências, em que diferentes formas de ver e agir no mundo colidem, exigindo uma negociação por partes dos interlocutores. Os conflitos que de fato surgem raramente são abordados pela voz narrativa. No lugar de uma problematização explícita, há indícios que remetem a práticas sociais insatisfatórias para o protagonista.

“Disponha”, eu disse à jovem dama e coloquei o carrinho de bebê na plataforma do trem. Embora a mulher não tenha agradecido, pelo menos ela olhou pra mim sorrindo. Eu acredito que os alemães hoje ainda têm um acanhamento em relação a estrangeiros, e bem especialmente em relação ao turcos, embora já vivamos há mais de vinte e cinco anos perto um do outro. E quando paro pra pensar sobre isso, nem se pode ficar chateado com eles. Um zé-ninguém vem por aí e quer matar o Papa deles! Isso realmente não dá! Aí eles tratam a gente de forma um pouco fria (DAL, 1988, p. 10)¹⁰.

Já no primeiro capítulo do livro, o narrador menciona esse encontro, sem contudo polemizar as dificuldades enfrentadas. Com efeito, no primeiro parágrafo ele enfatiza que não despreza nem ridiculariza ninguém, esperando, em contrapartida, o mesmo comportamento (DAL, 1988, p. 9). A estratégia argumentativa utilizada na passagem citada reside, primeiramente, em defender a atitude de distanciamento do grupo hegemônico, evitando qualquer tom que desarmonize a convivência entre os grupos ou suscitando a ideia de desprezo. Indiretamente, contudo, o narrador questiona, sim, a ausência do calor humano no modo como as interações se concretizam. Calor humano, nesse contexto, claramente representa uma metáfora para um convívio mais receptivo e inclusivo nos diversos desafios que encontram no dia a dia e para um tratamento igualitário no cotidiano de seus espaços sociais. Nisso, o narrador evita utilizar palavras polêmicas como discriminação, xenofobia ou silenciamento, preferindo cuidar da imagem do grupo que o recebe. Justamente a administração da imagem alheia lhe parece ser muito cara, já que prefere denigrir a imagem do próprio grupo a de alguma forma macular a representação imagética alheia. Isso, contudo, não significa que renuncia à crítica de comportamentos. Ele percebe comportamentos e, ao

¹⁰ *“Bitte schön, sagte ich zu der jungen Dame und setzte den Kinderwagen auf dem Bahnsteig ab. Die Frau bedankte sich zwar nicht, immerhin aber sah sie mich lächelnd an. Ich glaube, die Deutschen haben heute noch eine Scheu vor Ausländern, und ganz besonders vor Türken, obwohl wir nun schon mehr als fünfundzwanzig Jahre eng beieinander leben. Und wenn ich so darüber nachdenke, kann man ihnen das noch nicht einmal verdenken. Kommt einer daher und will ihren Papst umbringen! Das geht nun wirklich nicht! Da behandeln sie uns natürlich ein bißchen kühl“.*

processá-los, obviamente também gera sentidos que vão integrar seu universo pessoal, o que vale igualmente para os sujeitos opostos da ação.

Essa geração de sentidos acontece no processo da comunicação linguística oral, mas há, ao mesmo tempo, uma diversidade de sistemas que seguem sua lógica própria e que têm um impacto igualmente substancial na forma como o imigrante se percebe e narra, sem que a palavra seja utilizada:

o entrar na sala de espera eu dissera “bom dia”. Com exceção de um jovem homem ninguém respondeu a saudação. Todos só olharam para mim. Quando me sentei ao lado de uma mulher de meia idade, ela se afastou um pouquinho de mim. “Eu não sou contagioso”, eu disse, “só tenho nojo de qualquer tipo de notícias”. A mulher se afastou ainda mais de mim (DAL, 1988, p. 26)¹¹.

Essa passagem, na qual o narrador expõe uma ida ao consultório médico, parece representar algo que acontece no macrocosmo social, especialmente no que concerne às interações entre grupos minoritários e hegemônicos. O outro, no papel de imigrante, não chega a ser invisível, pois sua visibilidade é marcada por sua transformação em objeto de percepção dos outros atores sociais daquele microcosmo. Contudo, a ausência de resposta para sua tentativa de manutenção do ritual de acolhimento de um membro que se junta ao grupo parece indicar uma negação à solicitação tática de participação do processo de participação discursiva. Desse modo, a saudação negada impede o início de uma tessitura discursiva comum, em que todos os membros tenham uma voz, independentemente de seu pertencimento cultural. Nisso, o silenciamento da voz é acirrado ainda mais com a dinâmica de corpos que surge com a presença do imigrante. O afastamento que se dá quando o protagonista se senta ao lado de uma mulher que representa a cultura hegemônica indica um questionamento, ou melhor, um rechaço da legitimação de sua presença nesse espaço. Suas tentativas de desconstruir a seriedade com comentários jocosos não surtem o efeito desejado. No lugar do diálogo, permanece o silêncio e o muro simbólico entre os corpos.

Outras instâncias sociais intensificam ou sugerem essa prática de deslegitimação da presença. O médico, com o qual o protagonista vai se consultar, sugere que volte para seu país (DAL, 1988, p. 36); o estado burocrático de controle o aterroriza constantemente com a ameaça de deportação se os documentos não estiverem minuciosamente em dia, fazendo com que o protagonista acumule tudo que é documento que chega em sua caixa postal (DAL, 1988, p. 38); por fim, o estado também legitima, indiretamente, o questionamento da presença

¹¹ “Beim Eintritt ins Wartezimmer hatte ich ‚Guten Tag‘ gesagt. Außer einem jungen Mann erwiderte niemand den Gruß. Sie blickten mich alle nur an. Als ich mich neben eine Frau mittleren Alters setzte, rückte sie ein wenig von mir ab. ‚Ich bin nicht ansteckend‘, sagte ich, ‚ich ekele mich nur vor jeder Art von Nachrichten‘. Die Frau rückte noch ein wenig weiter von mir ab“.

do imigrante ao oferecer o prêmio de retorno, uma espécie de gratificação financeira para todos os estrangeiros, anteriormente convidados para trabalhar na Alemanha, para que voltem a seus países. Também essas passagens são narradas num tom jocoso, assumindo em parte um caráter grotesco, o que ameniza a acerbidade da discussão. A estrutura do diálogo nesse contexto macrossocial parece bastante similar ao microcosmo da sala de espera no consultório médico. Em ambos os casos, não há o desejo de diálogo e da construção de um discurso de futuro conjunto. Ao invés disso, há práticas diversas que constroem muros simbólicos e fomentam o afastamento daquele sujeito que se caracteriza por sua diversidade diante do grupo dominante.

Em oposição a isso, encontra-se o relacionamento com a vizinha idosa, carinhosamente chamada de Tia Felice. Embora também ela mantenha o princípio da distância e apresente uma percepção com foco na alteridade, ela mostra uma atitude comovente ao entrelaçar em seu comportamento dureza e impassibilidade dos tempos de guerra com singeleza e cuidado por alguém que se encontra fragilizado (DAL, 1988, 154). De todos os personagens secundários, ela certamente apresenta a maior improbabilidade de aceitar o imigrante, diante de sua história de socialização, porém é justamente ela quem se mostra mais afável, enxergando no outro não somente sua capa cultural marcada pela alteridade, mas também sua humanidade e seu desejo de dignidade:

Dizem que ela me puxou com muito esforço para o meio da nossa sala, que me deixara deitado lá e que fora buscar um cobertor de lã de seu apartamento para me cobrir com ele. Ela teria sentido meu pulso e vira que estava trabalhando. Por isso não teria se preocupado muito, afinal já vira em todas essas guerras muitos mortos e feridos. Não seria problema nenhum para alguém que perdeu a consciência voltar a si. Ela simplesmente me deixara deitado, fora comprar seu bolo e o levava a seu apartamento. O café, contudo, adiará e teria se sentado ao meu lado e esperara. Também me dera golinhos de água (DAL, 1988, p. 154)¹².

A forma como a fala da personagem é reproduzida indica que a voz narrativa deseja introduzir uma marca de estranhamento. Há uma discrepância entre a forma e o conteúdo daquilo que é dito, o que causa uma dissonância narrativa. Ao justapor a ação de socorro ao imigrante e a ida à padaria para a compra do bolo, culminando com o relato sério do adiamento do café da tarde, o narrador indica também o desequilíbrio na escala que mede o grau de seriedade dos acontecimentos. Isso, contudo, não acontece num tom de acusação, pelo

¹² *“Sie soll mich mit viel Mühe bis in die Mitte unseres Wohnzimmers geschleift, mich dort liegengelassen und aus ihrer Wohnung eine Wolldecke geholt haben, um mich darin einzuwickeln. Sie habe mein Herz gefühlt, und es habe gearbeitet. Sie sei daher auch nicht sonderlich besorgt gewesen, schließlich habe sie in all den Kriegen schon viele Tote und Verletzte gesehen. Es sei überhaupt kein Problem für einen Bewußtlosen, wieder zu sich zu kommen. Sie habe mich einfach liegengelassen, sich ihren Kuchen gekauft und in ihre Wohnung gebracht. Den Kaffee habe sie jedoch verschoben und sich neben mich gesetzt und gewartet. Auch habe sie mir schluckweise Wasser eingeflößt“.*

contrário, a forma como a imagem da velha senhora é exposta a transforma em alguém que desperta a simpatia do leitor, especialmente diante da imagem final que a passagem traz, onde revela um cuidado maternal. Ao exagerar e estranhar, Güney Dal discute os problemas dos imigrantes com o grupo hegemônico. A voz narrativa que articula essa discussão, contudo, está construída de modo a evitar hostilidades e desencontros ainda maiores.

Considerações finais

O romance de Güney Dal tem como protagonista um imigrante da primeira geração, isto é, alguém do exterior que a partir dos anos sessenta foi contratado por alguma empresa alemã, no período da maior expansão econômica. Em dois eixos, sua construção de identidade foi analisada no marco do conflito. Na sua visão macrossocial, o protagonista mostra que está dialogando com os sentidos produzidos no novo contexto de interação social, tomando conhecimento de importantes movimentos como a luta pelos direitos da mulher, as novas formas de conceber a sexualidade ou também de concretizar os relacionamentos em família. Nesse diálogo, nem todas as novas formulações discursivas com seus sentidos revolucionários são integrados na visão de mundo do protagonista. Em grande parte, ele mostra resistência em aceitar as inovações. Nesse aspecto, Güney Dal mostra de forma jocoso como o imigrante da primeira geração apresenta dificuldades para se adaptar às novas visões de mundo do país de acolhimento, transformando-o em alvo de sua crítica.

Num segundo momento, o foco passa à forma como o imigrante interage com os membros do grupo hegemônico. Se no primeiro aspecto protagonista tinha dificuldades de dialogar de forma produtiva com os discursos inovadores da nova sociedade, aqui sua dificuldade reside em iniciar um diálogo com os membros do grupo majoritário. Este parece criar uma série de muros simbólicos, impedindo o início de uma negociação de sentidos, cujo resultado talvez fosse a representação ou imaginação de todos os interlocutores como pertencentes àquele espaço de produção discursiva. Também, neste caso, Güney Dal se utiliza de um tom jocoso como forma de discutir os conflitos que marcam o encontro de imigrantes e nativos, colocando o representante hegemônico no foco de crítica.

Essa dualidade discursiva, marcada pela uma oscilação constante entre seriedade da temática abordada e a comicidade da forma como os temas são tratados, está presente não só no primeiro foco de análise, no qual a crítica se dirige à incapacidade do imigrante de processar as importantes inovações discursivas, mas também no segundo, cuja crítica tem

como objeto a ausência de um esforço por parte do grupo majoritário em ouvir o outro e lhe conceder a chance de criar uma voz própria que pudesse participar das práticas discursivas.

Por fim, essa dualidade também se encontra no próprio título do romance. Com base na primeira parte do romance, poderia se assumir que o título se refere simplesmente às macaquices do protagonista, cuja falta de articulação por um lado e sua verborragia por outro criam uma série de episódios cômicos ao longo da narrativa. Ao final da segunda parte, contudo, quando o leitor encontra o protagonista extradiegético que portanto escrevera a primeira parte do romance, descobre que ele sofre de câncer, o que causa a queda do cabelo e o deixa completamente desorientado.

Não só neste texto, o modo de narrar a condição de imigrante adotado por Güney Dal parece residir nessa oscilação entre o sério e o cômico. É por meio dessa estratégia narrativa que ele articula autocríticas e também questionamentos para a sociedade que recebe o imigrante. Nessas duas modalidades, contudo, predomina o tom ameno da comicidade, evitando hostilizações e a construção de novos muros que impedem o diálogo entre os diferentes membros que compõem aquela sociedade.

Referências

ANDREOULI, E. “Identity, Positioning and Self-Other Relations“. In: **Papers on Social Representations**, v. 19, 2010, p. 14.1-14.13.

BUCHHOLTZ, M.; HALL, K. “Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach“. In: **Discourse Studies**, v. 7 (4-5), 2005, p. 585-614.

DAL, Güney. **Der enthaarte Affe**. Tradução do turco de Carl Koß. München/Zürich: Piper, 1988.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. “Positioning: The discursive production of selves“. In: **Journal for the Theory of Social Behaviour**, 20 (1), 1990, p. 43-63.

DUVEEN, G. “The development of social representations of gender“. In: **Papers on Social Representations**, 2 (3), 1993, p. 171-177.

DUVEEN, G.; LLOYD, B. “The significance of social identities“. In: **British Journal of Social Psychology**, 25, 1986, p.219-230.

MATHIAS, D. “A orquestração de vozes em Wenn Ali die Glocken läuten hört, de Güney Dal“. In: **Revista de Letras (UNESP. Online)**, v. 54, p. 93-109, 2014.

MODES OF NARRATING THE IMMIGRANT CONDITION IN DER ENTHAARTE AFFE, BY GÜNEY DAL

Abstract

Güney Dal is a Turkish writer who lives in Germany and writes texts, which deal with the situation of Turkish immigrants in that country. For his contribution to the literary imaginary around immigrants in Germany he was awarded the important Adelbert von Chamisso Prize, in 1997. The novel *Der enthaarte Affe* discusses the ways the Turkish main character deals with the difficulties he finds when trying to settle down in the new country. Hence, this article aims to analyse the identity construction and its representation in two situations: in the protagonist's macro-social view in his role as immigrant and in the immigrant's social interactions with the members of the hegemonic group. In this context, identity is understood as a dialogical principle, in which the subject negotiates meanings and builds an auto-representational narrative. Accordingly, the individual needs to negotiate, for example, questions which involve discursive configurations that characterize the society where he lives and he needs to interact with the social actors who form this space of interaction.

Keywords

Güney Dal. *Der enthaarte Affe*. Immigrant. Identity.

Recebido em: 28/08/2017

Aprovado em: 29/01/2018